

## **ENTRE OS RESTOS: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES GARIS EM MANAUS (1985-2015)**

**Ramily Frota Pantoja<sup>1</sup>**

### **RESUMO:**

O artigo aqui apresentado deriva dos resultados de uma pesquisa que busca investigar, através de fontes orais, as histórias e memórias das mulheres que trabalham como garis na cidade de Manaus, refletindo acerca da constituição das relações sociais na cidade através das questões de gênero e trabalho no interstício de 1985 a 2015 – período em que a Zona Franca de Manaus se estabelecia na região em que algumas das mulheres chegaram a Manaus com seus familiares. A atenção afincada nesse momento foi para a trajetória dessas mulheres, pensando nas questões de gênero que permearam/permeiam suas vidas, a saber, o cerceamento no ambiente familiar, dificuldades para estudar e conseguir um emprego, rompendo o ambiente privado.

**Palavras-Chave:** História oral; garis; história das mulheres.

### **BETWEEN THE REMAINS: MEMORIES AND STORIES OF WOMEN STREET- SWEEPERS IN MANAUS (1985-2015)**

### **ABSTRACT:**

The article presented here is derived from the first results of a survey that investigates through oral sources, the stories and women's memories working as street cleaners in the city of Manaus, reflecting on the establishment of social relations in the city through the issues of gender and work in 1985 interstices to 2015 - the period when the Zona Franca de Manaus was established in the region where some of the women came to Manaus with their families. The dogged attention at that time was for the trajectory of these women, thinking about the gender issues involved in their lives namely the restriction in the family surroundings, difficulties to study and get a job, breaking up the private environment.

**Keywords:** Oral History; street-sweeper; women's history.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica homônima, desenvolvida entre 2015 e 2016, que buscava mapear a presença de mulheres garis na cidade de Manaus através das experiências de um grupo dessas mulheres, compreendendo os sentidos sociais e históricos que estas atribuem às suas vidas, refletindo especialmente sobre as relações de gênero, trabalho e migrações na cidade de Manaus, discutindo sobre as relações estabelecidas no trabalho assim como as sociabilidades estabelecidas pelas trabalhadoras. Ao buscar bibliografia que apresentasse discussões sobre garis, tivemos poucos resultados,

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal do Amazonas, membro do Laboratório de História Oral e Audiovisual do Amazonas (LABHORA -AM).

mesmo na historiografia não temos encontrado trabalhos sobre esse grupo de trabalhadoras. Os trabalhos encontrados estão inseridos no campo da saúde pública, serviço social e psicologia cuja abordagem se destina à saúde, políticas públicas, vias institucionais e outros versam sobre invisibilidade e representações<sup>2</sup>. Os resultados aqui apresentados da pesquisa com estes sujeitos têm a especificidade do trabalho do historiador que considera a experiência humana, compreendendo como as pessoas agem a partir das maneiras pelas quais experimentaram situações, quais sejam, de necessidades, interesses e antagonismos, pensados em sua consciência e cultura (THOMPSON, 1981 p. 182). É assim que vamos compreender como as relações entre trabalho, gênero e cotidiano se tecem na história dessas mulheres. Assim, fulgem algumas inquietações que logo mais encaminham a investigação: que trajetórias essas mulheres trazem consigo e como interpretam suas trajetórias de vida até o ingresso no trabalho como gari? Que conflitos estão submergidos no afã do cotidiano? Como lidam com esses conflitos?

Para responder a estas perguntas optamos por realizar a pesquisa fundamentalmente através das fontes orais. Fomos a campo observar e conversar com as mulheres garis, onde nossas fontes são fruto da própria fala dessas mulheres em entrevistas gravadas para posterior análise. Ouvir o que estas mulheres têm a dizer ajuda a compreender a forma como elas interpretam suas trajetórias, os motivos que a levaram a este lugar, os traumas que carregam consigo, seus momentos de acomodação e resistências, dando a tudo isso um sentido social e problematizando. Ao contar sua trajetória de vida a partir de suas memórias, essas mulheres nos dão a possibilidade de entender o contexto no qual se encontravam, a partir de um ponto de vista diferente, o ponto de vista que difere da memória hegemônica, que não está naquele produto pronto da história feita por “mãos restritas”, abrindo alas para que esses sujeitos se incorporem na dinâmica social de onde antes eram excluídos, agora compartilhando experiências e possibilidades.

A pesquisa se norteia a partir da história vista de baixo, que nos orienta a ir para além de uma história que se apresenta a serviço de uma história da elite, ou de uma “história

---

<sup>2</sup> As psicólogas Georgina Maria Veras e Lívia de Oliveira Borges, por exemplo, apresentam perspectivas do contexto institucional para discutir questões relacionadas à limpeza urbana em Belo Horizonte, observando como as políticas públicas interferiram na organização responsável pelos serviços de limpeza, trazendo à tona a necessidade participação dos trabalhadores, bem como a valorização de suas experiências, segundo suas reflexões, com o intuito de uma melhora na qualidade do serviço de limpeza urbana e bem estar social. As autoras referenciadas compartilham com outras autoras que trabalharam com o tema a ideia da importância do serviço, todavia lembrando que tanto a atividade, quanto quem as desempenha se inserem nos “trabalhos desvalorizados”, compartilhando as impressões de Fernanda Tabaral Lopes, Ana Alice Duarte Maciel, Derli de Souza Dias e Ivana Batista Benevides Dutra que consideram a atividade de grande relevância, mas que “tende a ser vista como um trabalho menor”, se amparando nos conceitos de “representação social” e “invisibilidade social”.

oficial”, única, homogênea, que desconsidera a multiplicidade das vivências que compõem a sociedade e ignora sujeitos que têm uma existência marcada por conflitos, experiências diversas, que identificam interesses em comum e se constroem diariamente enquanto sujeitos individuais e coletivos, sujeitos esses que não entravam em cena nas páginas dos documentos oficiais a não ser para reforçar o caráter marginalizado que historicamente lhes tem sido relegado. Dar espaço aos relegados, propositalmente marginalizados significa ir de encontro à lógica dominante, é pensar para além do que aparentemente é dado como natural e engessado. Existe uma necessidade de se contar outras histórias, a história que não se encontra nos documentos oficiais, a história dissonante da fala dos “vencedores”. Assim, a chamada “história vista de baixo”, para o historiador Jim Sharpe, serve como um “*corretivo à história da elite*” (SHARPE, 1992 p.53). Pensar a história vista de baixo requer necessariamente a garantia de visibilidade a sujeitos antes excluídos da história. A partir disso nos apoiamos também nos trabalhos de Michelle Perrot, historiadora francesa que se destaca nos estudos de história operária e história das mulheres. Mais interessante ainda para nós, ela destaca a mulher popular e rebelde, que desmistifica a ideia comum de uma dona de casa passiva em detrimento de mulheres capazes de realizar suas vontades através de estratégias próprias. Assim, a autora aponta para o risco de manter as mulheres na invisibilidade tradicionalmente inventada pela história escrita pelos homens que nos leva à fatalidade dos papéis, com efeito, acabaríamos por reforçar uma ideia tranquilizadora, como se não houvesse conflitos, negando a história e flexibilizando tensões e lutas. (PERROT, 1988).

Os estudos sobre a história das mulheres têm ganhado cada vez mais espaço no âmbito acadêmico e não só se tratando da história das mulheres como narrativas, mas sim como uma causa política, uma vez que esse debate não começou na academia e sim a partir dos movimentos femininos que despontara a partir da década de 1970<sup>3</sup>. No Brasil não foi diferente, Cecília Sardenberg localiza e atribui o interesse pelos estudos da condição feminina nos mundos do trabalho à retomada do movimento feminista no Brasil, nos anos 70, que esse interesse vinha de uma necessidade de “conhecer para transformar a situação das mulheres brasileiras” (SARDENBERG, 2004, p.27)

---

<sup>3</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo. Editora UNESP, 1992. A historiadora Joan Scott, nesse sentido, entende como política as práticas que desafiam sistemas encarados como naturais ou normativos.

Michelle Perrot indaga: “*Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês?*” (PERROT, 1988, p.186). Importa a nós sabermos que história essas mulheres carregam, que memórias estão guardadas profundamente, que memórias estão na condição de clandestinas?<sup>4</sup>

Alessandro Portelli, literato italiano, nos sugere trabalhar com a memória de um jeito diferente: não como um depósito de informações, mas como um sinal de luta. Assim, ouvir o que essas mulheres têm a dizer ajuda a compreender os motivos que as levaram a este lugar, que traumas carregam consigo e de que modo resistem dando a tudo isso um sentido e problematizando, para além de compor um amontoado de fatos. (PORTELLI, 1997, p. 33).

Desse modo, escolhemos como metodologia a história oral, um campo onde a memória tem um lugar essencial. Através dos relatos das mulheres garis de Manaus será possível compreender a forma como aquelas mulheres interpretam suas histórias enquanto mulheres e trabalhadoras considerando as suas experiências. A história oral nos ajudará a pensar a respeito das narrativas compreendendo as subjetividades presentes nesse contexto e ausentes na história tradicional apoiada por fontes oficiais.

## DESENVOLVIMENTO

Por muito tempo a história fora escrita por homens e para homens (PERROT, 1988, p.185), não bastasse isso, era invariavelmente a história dos vencedores. Era a história que se apresentava a serviço de uma elite, ou de uma história única, homogênea, desconsiderando a multiplicidade das vivências que compõem as sociedades. Sendo assim, desconsiderava outros sujeitos que têm uma existência marcada por conflitos, experiências diversas. Adentrar no universo das mulheres é ir de encontro a tudo isso que outrora fora fundado. A historiadora Joan Scott, nesse sentido, entende como política as práticas que desafiam sistemas encarados como naturais ou normativos. Desse modo, partimos a campo com a sensibilidade necessária para que se compreenda como as mulheres trabalhadoras interpretam a sua experiência, e é através de suas falas que percebemos que se trata sim de uma luta.

Dona Ivanete<sup>5</sup> é de Monte Alegre, interior do Pará, e mora em Manaus há 20 anos. Num primeiro contato que tivemos, foi apresentada a ela a ideia da pesquisa e assim como outras mulheres, logo ela começa a contar as dificuldades do trabalho de gari, onde passa alguns minutos esmiuçando problemas que para ela não são difíceis de elencar, por conta dos

---

<sup>4</sup>POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 2. n.3, 1989. p.3-15. O autor aponta que memórias que aparentemente foram mantidas em silêncio, na realidade eram transmitidas oralmente, que embora não fossem transmitidas por vias de publicações, se apresentavam como resistência através da oralidade.

<sup>5</sup> Ivanete Santos, gari da SEMULSP (Secretaria Municipal de Limpeza e Serviços Públicos de Manaus)

10 anos dedicados à profissão. Quando perguntada sobre ser mulher ela responde imediatamente *“é pior ainda, a luta é ainda maior”*

“...E dessa luta vai e volta, vai e volta, luta com tantas dificuldades, tantos problemas que eu já to com 10 anos, vou fazer 11 anos lá na SEMULSP<sup>6</sup>, na minha vida. E eu sofri, a gente pega sol, chuva, todas arriscando a nossa vida de noite e a luta é de sempre”<sup>7</sup>

Por diversas vezes as mulheres falam da luta e se autoproclamam guerreiras. “A luta” não se trata de um evento único que marcou a vida delas, mas está presente todos os dias, é no cotidiano que ela se realiza e se percebe. Para a historiadora Maria Izilda de Santos Matos, a descoberta do político no cotidiano possibilitou questionamentos sobre as transformações da sociedade, entendendo que a admissão dos estudos do cotidiano requer consigo a admissão do “político” para além das instituições e do Estado, mas presente no dia-a-dia. Assim também se tornam possíveis os questionamentos de abordagens globalizantes da história, a libertação de explicações causais sistêmicas, bem como a universalidade, dando vez a outras sensibilidades e diferentes verdades, para a autora, isso significa a “descentralização do sujeito histórico”, trazendo para nossa pesquisa a preocupação da “descoberta das histórias de gente sem história” (MATOS, 2002 p.24)

Muito embora compreendamos que se por um lado, trabalhar fora resulta de uma luta, seja uma conquista, percebemos que isto implicou ainda em outras dificuldades descobertas no cotidiano dessas mulheres, dificuldades estas que atravessam suas falas, no que diz respeito a dupla jornada que carregam pelo papel de gênero que lhes é colocado.

Michelle Perrot fala da confinção das mulheres no lar, do seu acesso tardio à escrita e do silenciamento relegado a elas (PERROT, 2006. p.17). Entre nossas entrevistadas, observamos que algumas práticas ainda persistem de outra forma e que ainda pesam na vida dessas mulheres em suas relações com o trabalho, pois quando Ivanete mostra que o trabalho se torna mais difícil por ser mulher, ela se refere à dupla jornada que enfrenta diariamente, quais sejam a da lida na limpeza do terminal rodoviário e a de casa, onde se responsabiliza pelos 6 filhos e os afazeres domésticos.

Essa confinção no lar que Michelle Perrot alude, pesa sobre as mulheres de todo modo, o que não significa nem de longe uma reação pacífica das mulheres garis, logo mais veremos como elas buscaram superar isso e como lidam quando ainda acontece. De que forma elas estão confinadas? Elas estão confinadas?

<sup>6</sup> Secretaria Municipal de Limpeza Pública (SEMULSP), secretaria responsável pela limpeza pública em Manaus.

<sup>7</sup> Entrevista realizada com Ivanete Santos no dia 21 de setembro de 2015 no Terminal 4, Zona Leste de Manaus.

Quando Ivanete morava no Pará, vivia com seus pais no interior, seus pais trabalhavam com pescaria, ela morou com eles até se casar, aos 15 anos. Ao contar sua história, nossa interlocutora a organiza de acordo com os significados que atribui à esse evento que foi o casamento, confrontando o seu relato com o tempo, de modo a apresentar um “tempo fora do tempo”<sup>8</sup>. Enquanto namorados, seu companheiro lhe dizia que ela não precisava estudar, ainda assim, ela concluiu a 4ª série do ensino fundamental (5º ano), mas quando se casaram e tiveram filhos, estudar ficou impossível para ela, uma vez que só quem poderia ter um trabalho assalariado e fora do lar era o marido. Ele era quem saía com o intuito de sustentar financeiramente a família, essas saídas ocorriam por outros interiores próximos de Monte Alegre, e para se adaptar a esse movimento, Ivanete parou de estudar, passando a acompanhar o marido nas saídas pelas adjacências do município.

De outro modo “Delinha”, 51 anos, que nasceu em Santo Antônio do Içá, município do interior do Amazonas onde morou até os 18 anos justifica a ausência na escola pelo fato de nascer em uma família humilde e religiosa, embora ela desejasse frequentar a escola, foi o próprio pai quem a proibiu, por causa dos assédios que ela e outras meninas sofriam no caminho para chegar à escola e também no ambiente escolar. O fato de morar em uma comunidade pequena contribuía para que as ocorrências chegassem aos ouvidos do pai, e quando isso acontecia, ela passava dias sem poder ir à escola. “A gente ia assim... E tu já sabe o que é um monte de menino enxerido, a gente não pode conversar com ninguém que já tá na situação que tu sabe”, ela diz.<sup>9</sup>

“Era assim, por exemplo, a gente tá aqui, aí chega uns homens e conversam... Só que a gente era criança, né? Aí já pintava aqueles menininhos pra chegar com a gente, aqueles menino enxerido e tudo, aí alguém que via ou os próprios colegas contavam pro meu pai e aí ele não deixava mais nós ir pro colégio e era assim, sempre foi assim. Aí ele levava a gente pra outro lugar, ia trabalhar na roça, ajudar minha mãe, sempre assim, era assim que a gente vive pra lá, a maior parte. Agora mudou, né? Que já tem professor em cada comunidadezinha e tá bem melhor agora”<sup>10</sup>

Delinha veio para Manaus na oportunidade em que a mãe veio visitar uma irmã que já estava morando aqui. Quando a mãe foi embora, decidiu ficar e assim a experimentar uma nova maneira de viver: “Eu vim me embora de casa, meu pai nem viu, eu fugi! Não pedi”.

<sup>8</sup>PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do Tempo na História Oral. IN: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de & KHOURY Yara Aun. (orgs.). “Muitas Memórias, Outras Histórias”. São Paulo: Olho d’água, 2004. pp.298-313.

<sup>9</sup> Delinha, 51 anos. Gari da SEMULSP.

<sup>10</sup> Entrevista realizada no dia 14 de novembro de 2015 na Praça Nossa Senhora de Nazaré durante um intervalo do trabalho

As imposições praticadas contra as mulheres também marcaram muito a vida de Liliane Pereira, seja pequena morando com a família e depois de ter saído de casa para morar com o marido, mas Liliane, por sua vez, apresenta outra experiência. Liliane é trabalhadora do ofício de gari pela CONSERGE<sup>11</sup>, uma empresa terceirizada que presta serviços à Secretaria Municipal de Limpeza e Serviços Públicos, SEMULSP. Liliane tem 32 anos e é de Santarém, veio para Manaus com 3 anos de idade junto com a família, e iniciou os estudos na capital pela 1ª série “sem alfabetização, jardim... não fiz essas coisas não” continuando até a 8ª série, foi o tempo antes do casamento.

“Casei com 16. Aí eu casei e fui morar na Cidade Nova, e na Cidade Nova passei 5 anos casada. Saí da escola porque meu marido ficou com negócio de ciúme, saí. Aí voltei pro Tancredo mas eu não tive oportunidade de estudar de novo, arrumei outro marido aí também frescura de ciúme, aí foi tempo que eu não queria mesmo, abandonei ele e fui morar com a minha mãe”<sup>12</sup>

Para Raimunda acontece algo parecido, ela conta: “Eu não concluí meu ensino todinho, parei na 6ª série, porque eu casei nova, tinha 15 pra 16 anos. Eu era presa dentro de casa e não podia sair, aí eu achei que com marido, namorado, eu era mais livre, aí eu saí de casa. Saí que eu tive filho...”<sup>13</sup>

Novamente percebemos como essas cominações interferem na vida das mulheres, quando o marido a impede de frequentar a escola por motivos de ciúmes. Porém não nos cabe percebê-la apenas como vítimas, mas ao contrário, procurar compreender como elaboram/elaboraram estratégias para superar esses limites.

A narrativa de Liliane é esclarecedora da forma como essas mulheres construíram várias estratégias para vencer a situação em que estava submetida. A primeira é quando ela entende que só vai se livrar do pai saindo de casa e que por ser filha mulher, só pode sair por via do casamento. Nesse momento, Liliane vê a possibilidade da “vida melhor”. Note-se que os sentidos de “vida melhor” variam. Nesse caso a vida melhor ainda não significaria o lugar-comum das condições financeiras, para Liliane seria ter a liberdade de ser, de sair, de vestir, namorar.

“Mana, quando a gente é adolescente dá a doida. A gente quer se livrar dos pais, quer ser livre, quer ir *pra* uma balada. Eu era muito presa, *eu*. Muito presa. A gente tinha televisão assim, dava 8 horas o pai já desligava a televisão, não deixava mais a gente assistir. A gente nunca saiu eu e meu irmão pra festas, pra se divertir, namorar... Vim namorar depois de velha, me

<sup>11</sup> Construção e Serviços Gerais Ltda.

<sup>12</sup> Liliane Pereira, gari pela empresa de serviços terceirizados CONSERGE. Entrevista concedida no dia 17 de março de 2015

<sup>13</sup> Raimunda, 34 anos. Trabalhadora terceirizada da CONSERGE que presta serviços à SEMULSP. Entrevista concedida no dia 17 de março de 2015

casei e tive meu primeiro marido, tive meu segundo marido... Depois do segundo eu não quis mais não, só fuleragem”

É por essa via que Liliane se empenha buscando a autonomia. Seu caso não é um caso isolado, como ela, outras mulheres também viram no casamento um modo de superar os limites impostos na casa pelo pai, no entanto, descobriram mais tarde que na verdade a estratégia não correspondeu às suas necessidades. Semelhante à sua história, ouvimos a de Shirley<sup>14</sup>:

“Eu arranjei uma pessoa pra melhorar, mas eu acho que eu piorei a situação, tá? É isso que eu te falo que as escolhas da gente... muitas vezes a gente erra, não presta atenção, vai se meter com uma pessoa e não sabe nem quem é a pessoa... Estudar ela primeiro. Hoje em dia eu já tenho essa visão, como eu falo pras minhas filhas, a maturidade ela veio muito tarde pra mim, tá entendendo? Eu não tive um pensamento que hoje em dia eu passo pras minhas filhas, outro pensamento. A minha mãe ela não falava certas coisas comigo [...]

Nesse sentido, elas enfrentam outro problema presente na vida de mulheres que decidiram não se cessar no ambiente privado e ir às ruas, procurar emprego e trabalhar: cuidar de filhos e filhas sem o apoio do pai das crianças.

Para chegar ao trabalho atual, de gari, todas essas mulheres passaram por trajetórias diversas, a começar pelas migrantes que portam cada uma suas peculiaridades, em que pese o que escreveu Patrícia Rodrigues da Silva “é preciso compreender que as motivações e anseios presentes na decisão de mudar, os caminhos trilhados a partir dessa decisão de dar início a uma nova vida, passam fundamentalmente pelas subjetividades angariadas nas vivências e experiências dessas mulheres”<sup>15</sup>. Fossem elas migrantes com a família ou fugidas da casa dos pais, na capital do Amazonas elas encontram a fresta necessária para forjar a “vida melhor”. O que elas têm em comum é a chegada a Manaus num momento em que a cidade ainda provava das possibilidades oferecidas pela Zona Franca. O que nos faz lembrar do trabalho de Maria Izilda Santos de Matos “Cotidiano e Cultura, História Cidade e Trabalho” discutindo cotidiano e sobrevivência em São Paulo em um contexto da economia cafeeira a autora chama atenção para o fato de que São Paulo se transformava “num dos objetivos prioritários da maioria dos homens e mulheres emigrados e chegados ao Estado”, dentre estas pessoas tinham os que vindos da zona rural, “migravam à procura de melhores perspectivas de ganho, novas oportunidades abertas pelo intenso florescimento da Capital” (MATOS, 2002, p. 47)

<sup>14</sup> Shirley, 46 anos, gari pela SEMULSP.

<sup>15</sup> SILVA, Patrícia Rodrigues da “A gente vê a Cidade Assim”: Memórias de Mulheres Interioranas Em Manaus. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.): Gênero & Imprensa na História do Amazonas. Manaus: EDUA, 2014.)

Apesar disso, não foi tão fácil se inserir no mundo do trabalho, as dificuldades encontradas foram essas já mencionadas sobre suas vidas em seus lugares de origem: a prisão no lar e a pouca escolaridade. Além disso, percebemos ainda que diferentemente do que era veiculado nos jornais, onde a cidade era apresentada como um espaço de grandes possibilidades de emprego e estabilidade não foi com isso que essas mulheres se depararam, pois tinham outras experiências e necessidades<sup>16</sup>.

Dentre essas trajetórias podemos destacar casos como de mulheres que chegaram a Manaus e ainda levaram um tempo se ocupando somente dos afazeres domésticos, ou que saíam pra vender “dindin” na rua, ou que trabalharam em fábricas no Distrito Industrial, como no caso de Dione, gari da SEMULSP que trabalhou em uma fábrica, mas saiu tão logo sentiu-se incapaz de participar da rotina de disciplina e atenção exigida por aquela atividade, em entrevista ela nos relata um caso de assédio moral sofrido no primeiro emprego que se ocupou.

“Eu não fiz faculdade. Só que antes de eu entrar aqui eu trabalhei numa fábrica, eu trabalhei 2 anos numa fábrica de tecido aí de lá que eu vim pra cá [...] É por causa de uma leseira que eu fiz lá e o chefe ficou com raiva e mandou dar minha conta. Eu tava trabalhando numa linha aí teve um tecido que deu problema lá, aí eu conversando com o meu colega, né, me distraí. Quando ele foi ver a peça tava toda batida. Batida é uns furinho que dá na peça, aí foi batendo, batendo, batendo, quando foi ver já tava na peça quase toda. Mano, o velho quase me bate na fábrica”<sup>17</sup>

Apesar de tudo, ter conseguido o emprego já significa uma vitória para essas mulheres que buscavam se sustentar sozinhas ou sustentar os filhos. Para Ivanete que veio do interior do Pará “cuidar de 6 *filho* numa cidade grande é difícil, a luta foi grande mesmo mas nós vencemos, né”<sup>18</sup>

Aí quando eu lutei. Daí surgiu o trabalho na prefeitura, eu fiquei pelejando, insistindo, indo lá pra conseguir uma vaga, aí foi. Passei um ano lutando pra conseguir esse trabalho pra mim, aí foi... Ficava ali na porta da empresa *ali...* esperando, de manhã até 5 horas da tarde esperando uma oportunidade, aí durante um ano não consegui, desisti. Aí quando foi, eu desisti. Aí um dia o prefeito veio no bairro inaugurar um... inaugurar água (...) Aí foi em 2005 que eu ganhei. Eu peguei e escrevi uma cartinha pedindo um emprego pra ele que eu queria, precisava daquele emprego. Aí foi que ele leu a cartinha e ligou, quando ele ligou ele me contratou”<sup>19</sup>

<sup>16</sup> SILVA, Patrícia Rodrigues da. Disputando Espaços, Construindo Sentidos: Vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus / AM – 1967-2010). Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo. 2011. A autora apresenta a disparidade de uma cidade que se coloca como espaço de possibilidades nos fazendo refletir a fim de compreendermos as necessidades e experiências dos sujeitos.

<sup>17</sup> Dione Pereira, gari da SEMULSP.

<sup>18</sup> Ivanete Santos, gari pela SEMULSP.

<sup>19</sup> Ivanete Santos, gari pela SEMULSP

A busca pelo emprego marca uma ruptura na vida dessas mulheres, se antes estavam à mercê da renda do marido, que mesmo sendo essa renda insuficiente para o sustento da família, elas ainda eram proibidas de contribuir de maneira que precisassem trabalhar fora de casa, elas enxergavam no emprego um viés de liberdade, seja pela obtenção de renda para comprar as necessidades do lar e de benefício próprio, mas, sobretudo pela liberdade de sair e sociabilizar, é nesse sentido que a busca pelo emprego se torna um ato de subversão na vida dessas mulheres. “Na SEMULSP... Foi o primeiro emprego! Porque ele não deixava eu trabalhar “mulher minha não trabalha”, mas também ele não me dava dinheiro [...] Aí ele disse assim “mulher minha não trabalha não!”<sup>20</sup>

Não obstante, antes de se tornarem garis e ainda casadas, elas encontravam outras maneiras de atravessar as situações de abuso e violência oriundas de questões financeiras praticadas pelos maridos contra as mulheres, uma vez que só estes eram detentores da renda familiar, no caso de Delinha, que suportava as traições do marido e as limitações do dinheiro, buscava às escondidas meios de sobreviver, às vezes gastando o dinheiro que pegava, outras, devolvendo o dinheiro ao marido, quando pegava somente na tentativa de algum controle.

“Isso quando ele vinha, e quando ele ficava por lá mesmo e voltava sem nada? Ia pra putada, quando sobrava... Não tinha mais nada. Às vezes eu ia pelo bolso dele, catava... Aí quando era no outro dia tava sem nada, eu pegava e ia dar pra ele. Aí quer saber? Eu fui guardando, guardando, quando ele saía eu ia comprar alguma coisinha. “Tu já aprendeu a roubar agora?” Aprendi, tu não me dá!”

Algumas mulheres têm em comum a busca do emprego a partir da separação do marido, é nesse sentido que elas atribuem à separação a luta para cuidar de seus filhos, a busca da autonomia e as vitórias em meio a labuta qual escolheram enveredar.

“Quando eu não trabalhava na prefeitura, quando eu tomei a decisão de me separar do pai das minhas três filhas eu fui vender café lá na Panair. Pegava minhas duas garrafinhas de café, botava debaixo do braço e ia vender cafezinho [...] Se é pra mim passar fome só ou com homem, eu passo sozinha, entendeu? Aí eu saí. Antes de trabalhar na prefeitura eu ia lá pra Panair, vender café, juntar aquelas bananas que caíam de lá, ensacava, botava pra vender e assim eu vivi”<sup>21</sup>

Sendo filha de gari, Shirley acredita ter “herdado” a profissão da mãe, em sua fala ela inclui ainda o fato de não gostar de estudar e ter engravidado aos 16 anos. Aos 23 anos, após o nascimento da terceira filha, Shirley começa a trabalhar na SEMULSP, dizia desde criança que queria ser tal como a mãe, pedindo para acompanhá-la na rua quando a mãe saía para

<sup>20</sup> Delinha, gari pela SEMULSP

<sup>21</sup> Shirley, gari pela SEMULSP

trabalhar. A mãe era contrária a essa ideia, no entanto, hoje Shirley diz que agradece a Deus por ser gari. “Minha mãe quando me brigava ela me dizia mesmo assim: “minha filha, vai estudar, pra futuramente tu não estar no cabo de uma enxada como eu”, aí no meu pensamento eu dizia assim “pois eu quero é ser gari”. Acho que de tanto eu falar isso, eu peguei e fui”.<sup>22</sup>

Embora tenha conseguido o trabalho de gari com essa idade, não foi fácil como pode parecer, percebemos isto pela sua fala, quando conta como foi para a sua mãe conseguir o emprego e como foi na sua vez. Ela lembra a partir da mudança de bairro, quando foram morar no Alvorada: “Eu tinha uns 7 anos, eu era muito pequena. Aí nós *fomo* pra lá com a mamãe. Aí chegando lá, a prefeitura pegava o pessoal pra trabalhar no meio da rua porque na época ninguém queria ser gari não”. Durante o curso de seu relato, por diversas vezes Shirley compara sua trajetória à de sua mãe e de sua irmã que também foi gari, isso nos ajuda a compreender algumas mudanças que ocorreram no serviço, seja por demandas do órgão responsável pelo serviço de limpeza pública na cidade e no modo como as trabalhadoras vivenciaram seu cotidiano e experiência. Shirley foi buscar um trabalho a partir da separação do pai de suas filhas, onde a primeira alternativa encontrada foi a de vender café na Feira da Panair, até saber da oportunidade de ser gari.

“Foi assim, através dos meus colegas que já tavam trabalhando lá. Disseram “ei, tão fichando na SEMULSP”. A SEMULSP naquele tempo era DEMULP, era departamento da SEMOSB, que agora é SEMINF na época que eu entrei. Aí “tá bom, eu vou pra lá”. Na porta onde era, na época lá no São Francisco, aí eu fiquei 3 meses lá, 3 meses... Eu comia marmita porque o seu Orlando me dava”

Se quando a mãe de Shirley começou a ser gari “a prefeitura pegava o pessoal pra trabalhar no meio da rua porque na época ninguém queria ser gari”, Shirley teve de esperar ser chamada, ela diz que foi barrada por conta de sua idade, o que a deixou indignada, pois estava determinada a conseguir esse emprego e quando conseguiu foi em meio a incertezas, uma vez que já tinham muitas pessoas tentando o emprego, além de ter tomado uma negativa por causa de sua idade, ouvindo que só contratavam a partir dos 30 ou 28. Shirley passou algum tempo tentando a vaga como gari, até conhecer alguém que lhe ajudou.

“eu conheci um senhor que se chamava Orlando, ele disse “você quer entrar?” eu disse “eu quero”, ele disse “então, os novatos vão começar quarta-feira, você traga uma camisa de manga comprida, uma calça comprida e um chapéu, você vai trabalhar”. Eu disse “égua, como é que eu vou trabalhar se nem me chamaram, nem me ficharam? Meu pai amado, e agora?” aí eu disse “eu vou que eu quero trabalhar, né?”, aí eu conversei

<sup>22</sup> Shirley, gari pela SEMULSP.

com ele, chegou a farda do pessoal novato e não chegou a minha, chegou cartão pra bater no quadro e não chegou o meu, chegou pagamento do povo e não chegou o meu, eu disse “agora lascou-se”, eu disse “seu Orlando, como é que eu vou passar, seu Orlando desse jeito?” ele disse “Se acalma, Shirley”<sup>23</sup>.

De todo modo, percebemos em suas narrativas uma fala de vitória, elas jamais se mostram sobrepujadas por ocuparem um ofício que para muitos remete aos restos, ao inútil, ao insalubre, considerando que “o lixo representou tudo que não tem valor e/ou serventia para um determinado grupo social”<sup>24</sup>. Pelas entrevistas realizadas podemos observar como elas percebem o preconceito da sociedade por causa do trabalho e como lidam com isso

“O que estressa a gente não é nem tanto o trabalho, é o ônibus que a gente pega lotado e quando a gente vai fardado o pessoal olha pra gente e tampa o nariz, é aquela coisa... Tipo, como é que se diz aquele nome... como é? É preconceito! Quando a gente vai fardado. Ficam perto da gente, chamam a gente de fedorento”<sup>25</sup>

Alessandro Portelli entende que a história oral se trata menos de revelar eventos do que significados. Porém, isso não significa dizer que ela não seja capaz de nos revelar eventos, pois frequentemente iremos descobrir coisas que antes não sabíamos do ocorrido ou de eventos dos quais sabíamos a ocorrência, mas com aspectos desconhecidos. Ele diz que “elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexplorada da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1997, p 31)

Quando nos dirigimos para a investigação do cotidiano de trabalho das garis é que percebemos o quão rica a história oral se apresenta a nós, ainda com o Portelli, nos utilizamos da história oral, pois ela pode nos revelar não somente o que o povo fez, mas o que gostaria de ter feito, o que pensava que estava fazendo e o que pensa hoje que fez, não nos cabe julgar verdade ou mentira nos discursos. (PORTELLI, 1997, p.31)

É pelos relatos, afinal de contas, que saímos de um lugar-comum a respeito dessas trabalhadoras. Não obstante, é só assim para romper com a invisibilidade, se quando procuradas nos jornais, nos arquivos elas não aparecem, quando se lembra dessa ocupação, o que nos é oferecido é simplesmente a imagem do órgão ao qual estão vinculadas, é sobre a secretaria, é sobre o Estado. Não foi de se espantar encontrar na página online do jornal D24 a seguinte notícia “Artur veste roupa de gari e inicia mutirão da limpeza como prefeito de

<sup>23</sup> Shirley, gari pela SEMULSP

<sup>24</sup> SANTOS, Gemelle Oliveira; SILVA, Luiz Fernando Ferreira da: Há Dignidade no Trabalho com o Lixo? Considerações sobre o Olhar do Trabalhador. In: Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza, vol. IX - nº2. p.689-716. Jun/2009

<sup>25</sup> Liliane Pereira, gari pela CONSERGE

Manaus<sup>26</sup> dando holofotes ao prefeito e sequer mencionando o papel dos trabalhadores, na matéria, é destacada uma fala do prefeito “Isso não é demagogia. Quem quiser que me chame de prefeito gari. Isso é o simbolismo de que vamos estar nas ruas limpando a cidade”. Ora, quem estava nas ruas limpando a cidade no dia-a-dia?

Os problemas acerca da representação dessas mulheres pela mídia também ficam explícitos quando uma gari foi morta atropelada durante o serviço, o caso foi noticiado, enfatizando o crime cometido pelo motorista, que estava bêbado, mas sem qualquer interesse de apresentar problemas que essas trabalhadoras enfrentam, sendo um dos mais graves, além da comida: a falta de segurança na ocupação<sup>27</sup>.

De que modo as garis pensam e organizam suas demandas? Essas trabalhadoras encontram nas conversas entre uma pá, vassoura e papelão, nos bancos dos terminais e praças, no exercício coletivo da varrição ou no descanso embaixo do viaduto, momentos de diálogo com os colegas, sua equipe, os problemas encontrados no dia-a-dia. Problemas que variam entre falta d’água para limpar os banheiros, da falta de lugar para trocar de roupa, da demora para chegar a comida e dos dias em que alguém se atrasa.

“Mana, quando chegava aquela marmita, nós abria... olhava assim e agora a fome... até meio dia pra gente almoçar, uma fome do cão lá. Nós não encarava não, minha amiga nós botava água dentro da marmita, sal, óleo e cortava a verdura e jogava dentro pra poder comer. Muitas vezes chegava a marmita podre, não era? [...] Muitas vezes era assim, a gente comprava uma lata de conserva, fazer como dizem naquela época, mangueava, que era pedir nas tabernas, né, pedia uma lata de conserva pra gente, botava uma farinha lá e com isso a gente passava o nosso dia<sup>28</sup>”

Nota-se dessa forma que essas garis constroem teias de solidariedade que as possibilitam aliviar parte das durezas do trabalho e embora em nossa pesquisa não tenhamos encontrado organizações mais sistemáticas com associações ou mesmo sindicatos próprios que atuem em defesa de seus interesses, temos visto em jornais que algumas mobilizações contam com apoio do SINTRACOMECA – AM (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil)<sup>29</sup>, o qual algumas garis entrevistadas não têm conhecimento. Assim, é

<sup>26</sup> “Artur veste roupa de gari e inicia mutirão da limpeza como prefeito de Manaus”. Disponível em: <http://new.d24am.com/noticias/politica/arthur-veste-roupa-de-gari-e-inicia-mutirao-da-limpeza-como-prefeito-de-manaus/77252>

<sup>27</sup> “Gari morre atropelada por motorista embriagado em Manaus, diz polícia” Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2015/08/gari-morre-atropelada-por-motorista-embriagado-em-manaus-diz-policia.html>

<sup>28</sup> Shirley, gari pela SEMULSP.

<sup>29</sup> “Garis terceirizados voltam a protestar por direitos trabalhistas, desta vez na prefeitura” Disponível em: <http://www.emtempo.com.br/garis-terceirizados-voltam-a-protestar-por-direitos-trabalhistas-desta-vez-na-prefeitura>.

possível perceber através das falas, como a de Dione, que existe um entendimento da necessidade de uma ação mais coletiva:

O problema do gari é que a maioria é semianalfabeto, então a pessoa semianalfabeta não sabe nem os direitos que ela tem e nem vai atrás [...] Gari não sabe nem falar, mano... A maioria é... é porque não tem estudo mesmo, né? Tem gente que tem mais de 20 anos, então... Quando acontece essas coisas de protesto, tem medo de pegar conta, por isso que não vai. [...] Até eu tenho, porque mano, se eu perder esse trabalho aqui eu não arrumo mais outro em canto nenhum mais não.<sup>30</sup>

A fala de Dione aponta para questões importantes que dizem respeito à organização dessas trabalhadoras e os demais garis: o medo de perder o emprego conquistado e a necessidade de uma organização presente, efetiva que proporcione uma maior segurança em suas reivindicações. Na falta disso, trabalham sua sobrevivência/permanência no emprego, combinando obediência e autonomia a partir da experiência. Quer dizer, a partir do que viram e viveram no tempo de trabalho, elas sabem o que e com quem podem fazer ou dizer, o que podem ter em troca e como lidar com diversas situações surgidas no cotidiano, assim conseguem se manter no serviço. Shirley nos conta que sendo uma “boa funcionária” consegue estar na SEMULSP há 23 anos, lembrando sua trajetória no trabalho e depois de ter adoecido, ela conta que hoje pega um serviço mais leve, no caso, a transferência dos igarapés e praças, para o banheiro do terminal, beirando a aposentadoria:

“Aí por causa desse motivo eles me colocaram no terminal, por causa desse motivo. A maioria das pessoas que trabalham no terminal são pessoas que têm problema de saúde, já deram tudo o que tinha de dar pra prefeitura, já deram tudo o que tinham de dar, a nossa juventude ficou ali. Então hoje em dia estamos recompensando aquilo que nós passamos, né? *Passemo* muita dificuldade, mas graças a Deus nós vencemos, né? Então é assim. Trabalho em prefeitura não é fácil, não é pra qualquer um não, é pra quem tem coragem e disposição, e ser um bom funcionário porque se a pessoa não for um bom funcionário não dura 23 anos numa empresa, não é, meu amigo? Pega o beco logo (risos). Então é assim, mas foi bom, tá sendo bom até agora”

Longe de ser tão somente uma submissão, essas concessões oferecem alguns benefícios a essas mulheres, seja na transferência de locais de serviço, com uma área considerada por elas menos pesada ou no melhor convívio com os colegas da equipe, o que não significa estar passiva a outros tipos eventuais de abuso. Shirley se considera uma boa funcionária, mas sabe que isso não significa ter de ficar calada e ser desrespeitada.

“eu não queria ser submissa, tá entendendo? Eu queria... O encarregado chegasse e falava “Shirley, eu quero que tu faça isso, isso, isso e aquilo outro”, eu encarnava, mana... rum! Uma vez, uma encarregada, a Marizete,

<sup>30</sup> Dione Azevedo, gari pela SEMULSP.

ela foi muito boa comigo, eu já tinha passado por tudo quanto é encarregado que me transferiram, né? Aí “vamo trabalhar com a Marizete”, era a pior encarregada que tinha na SEMULSP, olha a bicha da... do meu tamanho. Eu olhei pra ela e disse “se tu me respeitar, eu te respeito” [...] Mana, eu era horrível, olha. “Se tu me respeitar, eu te respeito, se tu gritar comigo, eu grito contigo, não me faça vergonha”. Mana, foi a melhor encarregada que eu tive na minha vida, passei 6 anos e não troquei de encarregado com ela, só com ela, uma coisa maravilhosa na minha vida, porque ela me entendeu.”<sup>31</sup>

A falta de segurança no trabalho se confunde com a negligência e preconceito percebidos pelas trabalhadoras, que sentem a invisibilidade conferida a elas nos dias de trabalho. Soma-se a isso, por vezes, a sobrecarga de serviço que lhes é colocada, causando-lhes doenças e conflitos que atravessam o ambiente de trabalho ou ambiente familiar, público e privado, ainda que compreendamos a problemática de demarcar as duas esferas, como sugere Maria Izilda Santos de Matos se compreendendo que a casa, comumente entendida como o privado, torna-se “o centro do mundo, a partir do qual a cidade cresce e se constrói em várias direções: o quintal, o terreiro, a rua, o bairro, o rio e a várzea [...], sendo difícil aí delimitar o público e o privado”. Nesse sentido, a autora aponta ainda que a latência entre esses espaços permitia “trocas permanentes, estabelecendo relações dinâmicas e criando laços de solidariedade e estratégias de sobrevivência” (MATOS, 2002, p. 44-45)

Dione Azevedo é gari pela SEMULSP, trabalhando no terminal 3. Ela fala de seu filho pequeno, que não tem condições de cuidar, por não contar com o pai da criança, então teve de deixá-lo morando com sua mãe, no interior. Embora não esteja com o filho, Dione compreende, por ser mulher e pela sua experiência, situações de dificuldade que suas companheiras de serviço enfrentam com os filhos. Na ocasião de sua entrevista, uma criança estava perto. Nina<sup>32</sup> tem 7 anos e corre nas rampas do terminal 3, em um momento da entrevista, Dione para de conversar comigo e diz “olha quem vem ali”, chamando a atenção da menina, era sua tia que chegava. Nesse instante elas começam a conversar:

Dione diz para Nina: Fica aqui, Nina, que ela vai já subir

Tia de Nina fala para a menina: a tia vai já voltar, tá?

Dione fala para a tia: Tu ainda vai voltar ainda?

Tia de Nina fala para Dione: Não, eu vou...

Tia de Nina fala à Nina: Quando voltar trago bombom pra mim e pra ti, tá?

Dione fala pra Nina: Ela vai já subir já.

Dione fala para tia de Nina: Ainda bem que ela comeu, um pouco mas ela comeu. A Maria já tava varrendo aí eu coloquei pra ela comer, ela comeu feijão.

<sup>31</sup> Shirley, gari pela SEMULSP

<sup>32</sup> Nome fictício, utilizado para preservar a identidade da criança.

Tia de Nina: É. Ela gosta que só de feijão...<sup>33</sup>

Em alguns momentos minha conversa com Dione era interrompida, ela comprava bombom e picolé para a menina, e de vez em quando dizia “Nina, sai da beira”, “vem pra cá, Nina”, “tua mãe já tá pra chegar”, “não chora não que ela já tá vindo”.

A mãe de Nina também é gari no Terminal 3, enquanto ela descia para a varrição, Dione, que ficava responsável pelos banheiros e copa, cuidava de Nina, assim, ambas se ajudam no serviço e sabem que podem contar uma com a outra, além disso, Dione já conhece outros familiares de Nina, como a tia que passa pelo terminal e sobe para ver se está tudo bem.

Por outro lado, nota-se que as situações de atrito marcam também relações com outros trabalhadores que convivem no mesmo espaço das garis, no caso das trabalhadoras dos terminais, que disputam espaço de descanso com motoristas, cobradoras, vendedores ambulantes e passageiros, onde novamente elas sentem discriminação e invisibilidade.

Parece que nós somos invisíveis, entendeu? A gente tamo varrendo e ainda ficam com raiva se a gente não pedir licença, entendeu? Se cair um pozinho ainda brigam com a gente, chamam a gente de mal educada pra lá, se estressam com a gente. Quer dizer, eles não dão valor pra gente e nós garis, somos a diferença nessa cidade, ao menos dois dias nessa cidade, vira um caos.”<sup>34</sup>

No trabalho realizado por Vanessa de Oliveira Luiz e Ana Regina de Aguiar Dutra, na área da Engenharia de Produção as autoras observam a relação dos garis construída com a comunidade, onde concluem que a “relação de amizade e respeito construída com a comunidade lhes proporciona uma tranquilidade no trabalho”. Assim, as autoras também percebem níveis de realização e frustração. Onde se tem um nível de realização a partir do sentimento de serem valorizados pela comunidade através da relação de amizade e respeito. “Os garis de morro têm consciência da importância de seu trabalho para a comunidade, segundo eles, são responsáveis pela organização dos espaços, pela preservação da saúde das pessoas e, ainda, pelo cuidado com o meio-ambiente”. E os níveis de frustração, nesse caso, observado, foram a respeito da insatisfação quanto às ferramentas de trabalho.<sup>35</sup>

<sup>33</sup> Transcrição do áudio gravado na ocasião da entrevista com Dione.

<sup>34</sup> Shirley, gari pela SEMULSP

<sup>35</sup> LUIZ, Vanessa de Oliveira, DUTRA, Ana Regina de Aguiar. “As condições e as atividades de trabalho dos garis na coleta de lixo no município de Florianópolis, sob a abordagem ergonômica”. Anais do V JÚNIC e V Seminário de Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: [http://www.rexlab.unisul.br/junic/2010/projeto/projeto\\_000024.html](http://www.rexlab.unisul.br/junic/2010/projeto/projeto_000024.html) Trabalho de Iniciação científica apresentado em forma de pôster.

No caso de Manaus, observamos que a percepção das garis é totalmente oposta à das autoras, pois não se sentem valorizadas pela comunidade “Quer dizer, eles não dão valor pra gente”, por outro lado fazem questão de mostrar que sua profissão é fundamental para a cidade “nós garis, somos a diferença nessa cidade, ao menos dois dias nessa cidade, vira um caos”.

Entretanto com relação aos trabalhadores do transporte público, especialmente nos terminais de ônibus em que essas garis trabalham, notamos que, se por um lado há certo conflito, por outro também é possível perceber laços de solidariedade.

Num tem motorista? Eles mesmo, nós não temos respeito pelo trabalho deles? Tem vezes que eles estão cansados no meio fio ali, a gente nem mexe com eles porque eu sei que eles tão cansados. Por que não respeitam a gente? No banheiro eles não respeitam, sujam tudo, é assim. Uma vez aconteceu uma situação ali com uma cobradora. Ela pegou rapidinho um copo que tava no meio fio e essa aqui puxou com a vassoura, aí ela só faltou bater nessa daqui. Uma cobradora. Aí xingou ela lá, ela (Maria) pediu desculpas e ela (cobradora) continuou xingando ela lá, disse que era obrigação dela limpar. “A minha obrigação é sujar e você sua obrigação é limpar”, tá entendendo? Eles acham que o nosso trabalho não significa nada.<sup>36</sup>

Ocorre também a ajuda com motoristas em outro terminal, estes contribuem com a compra e alimentos e almoçam da comida feita por uma gari do terminal 4, que fica responsável pelos banheiros e copa, não desce para varrição por conta de problemas de saúde, mas fica em cima fazendo o almoço da equipe e dando apoio a alguns motoristas e cobradoras que chegam com alguma colaboração. Desse modo percebemos como as relações, sejam entre garis ou entre eles e outros trabalhadores que frequentam os mesmos espaços de trabalho, são constituídas no dia-a-dia. A convivência no mesmo ambiente de trabalho demanda a tessitura de relações que possam proporcionar alguma harmonia nas horas de trabalho e, para além disso, a estabilidade no próprio trabalho, ou seja, estar empregada, ter a sua renda e certo grau de independência garantidas.

## CONCLUSÃO

A pesquisa realizada com as mulheres garis em Manaus por meio das fontes orais se mostra potencialmente significativa, no sentido de resgatar as memórias dessas mulheres e trazer a partir de suas vozes suas reivindicações e satisfações, revelando trajetórias de vidas de sujeitos que habitam e intervêm na cidade, que possuem percepções diferentes acerca das mudanças pelas quais a cidade passou, por trazerem histórias diversas às contadas por uma

---

<sup>36</sup> Shirley, gari pela SEMULSP

memória que se pretende hegemônica. Conhecer as histórias dessas mulheres não pode ser de modo algum improfícuo, conhecer por conhecer ou apontar para esquecer. É necessária a compreensão de que são sujeitos centrais de sua história e que suas histórias não são isoladas, mas compõem uma coletividade de trabalhadores e trabalhadoras da cidade que têm o seu modo de se pensar, decidir sobre suas ações.

Durante a pesquisa, pudemos trazer à luz que as garis são efetivamente sujeitos com a capacidade de tecer entre si relações de solidariedade para permanência no trabalho, caracterizando suas resistências e definindo seus limites, para que assim, não sejam desrespeitadas. Essas relações também são construídas com outros trabalhadores com os quais frequentam os mesmos espaços na labuta, seja de solidariedade no terminal, como o ato de preparar a comida para motoristas junto com a dos colegas garis ou posturas mais assertivas ao disputar espaços com cobradoras no terminal e perceberem desrespeito e invisibilidade. Os momentos de descanso estiradas no papelão sob o viaduto, a hora do almoço ou a roda de cadeiras formada no final da tarde no terminal são por vezes os momentos em que alinham os desgostos do trabalho, as situações de constrangimento que passaram quando estavam sozinhas, as maneiras de fazer do trabalho algo que ultrapasse a dureza da profissão. Mas também é o momento de conselhos, onde as garis mais antigas passam às demais situações que viveram no curso dos anos de trabalho na SEMULSP, onde contam que problemas têm passado em casa, onde avisam às companheiras que irão faltar no dia seguinte ou contam que irão precisar delas para reparar a filha no dia em que for necessário levá-la ao serviço, onde decidem de que modo vão organizar a equipe, no que vai ser possível ou não de fazer ao longo do dia.

Os resultados apresentados nesse artigo são parte do que foi feito durante uma iniciação científica, certamente existem outros pontos a serem investigados sobre essas trabalhadoras que apresentam trajetórias de vida extraordinárias e experiências próprias para lidar com questões que perpassam marcadores de gênero e classe a que estão ligadas. Certamente, temos questões que por ora não foram apresentadas, mas que ainda precisam ser investigadas com mais afinco, como as questões relativas à terceirização na limpeza pública no município de Manaus, bem como as questões étnico-raciais percebidas por essas mulheres, estes últimos pontos foram mencionados durante entrevistas. O trabalho foi sustentado através das fontes orais, sem elas, não teríamos conseguido a riqueza das experiências apresentadas pelas mulheres, manauaras e migrantes que desembarcavam em Manaus almejando uma vida melhor, qual fosse o sentido de vida melhor entendido por elas. A vida melhor poderia ser



maiores oportunidades de renda com a família constituída pelo marido e os filhos na capital ou a liberdade de sair da casa dos pais no interior, posteriormente a vida poderia ser melhor ainda, quando da separação dos maridos, em alguns casos, e certamente a conquista do emprego, é o que as falas dessas mulheres nos revelam, e elas ainda têm muito a dizer.

**\*Artigo recebido: 31/01/2017 – Aprovado: 10/08/2017.**

## Fontes Consultadas

### Orais:

**Entrevista com Delinha**, 51 anos, gari pela SEMULSP. Entrevista realizada em novembro de 2015 na Praça Nossa Senhora de Nazaré.

**Entrevista com Dione Azevedo**, gari pela SEMULSP. Entrevista realizada em outubro de 2015 no terminal 3, Zona Norte de Manaus.

**Entrevista com Ivanete Santos**, 45 anos, gari pela SEMULSP. Entrevista realizada em setembro de 2015 no Terminal 4, Zona Leste de Manaus.

**Entrevista com Liliane Pereira**, 32 anos, gari pela empresa de serviços terceirizados CONSERGE. Entrevista realizada em março de 2015 sob o viaduto da rotatória do São José 1.

**Entrevista com Raimunda**, 34 anos, gari pela empresa de serviços terceirizados CONSERGE. Entrevista realizada em março de 2015 sob o viaduto da rotatória do São José 1.

**Entrevista com Shirley**, gari pela SEMULSP. Entrevista realizada em junho de 2016 no terminal 5, Zona Leste de Manaus.

### Documentos Eletrônicos:

**“Artur veste roupa de gari e inicia mutirão da limpeza como prefeito de Manaus”**. Disponível em: <http://new.d24am.com/noticias/politica/arthur-veste-roupa-de-gari-e-inicia-mutirao-da-limpeza-como-prefeito-de-manaus/77252> Acessado em: 30/01/2017.

**“Gari morre atropelada por motorista embriagado em Manaus, diz polícia”** Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2015/08/gari-morre-atropelada-por-motorista-embriagado-em-manaus-diz-policia.html> Acessado em: 30/01/2017.

**“Garis terceirizados voltam a protestar por direitos trabalhistas, desta vez na prefeitura”** Disponível em: <http://www.emtempo.com.br/garis-terceirizados-voltam-a-protestar-por-direitos-trabalhistas-desta-vez-na-prefeitura> Acessado em: 30/01/2017.

### Referências Bibliográficas

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PERROT, Michele. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Editora Contexto. 2006

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev, 1997.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. In **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli. In: **História & Perspectivas**. Revista dos Curso de Graduação e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. n. 25 e 26- jul/dez.2001. jan/jun.2002.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do Tempo na História

Oral. IN: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de &.

KHOURY Yara Aun. (orgs.). “**Muitas Memórias, Outras Histórias**”. São Paulo: Olho d’água, 2004. pp.298-313.

SANTOS, Gemelle Oliveira. SILVA, Luiz Fernando Ferreira da. Os Significados do Lixo Para Garis e Catadores de Fortaleza, State of Ceará (Brazil) In: **Ciência &Saúde Coletiva** 16 (8), 2011.

SANTOS, Gemelle Oliveira; SILVA, Luiz Fernando Ferreira da: Há Dignidade no Trabalho com o Lixo? Considerações sobre o Olhar do Trabalhador. In: **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, vol. IX - nº2. p.689-716. Jun/2009.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. O Trabalho Feminino no Brasil: Desigualdades de Gênero e Contrastes Regionais. In: SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar (Org.) **A face feminina do complexo metal-mecânico: mulheres metalúrgicas no Norte e Nordeste**. Coleção Bahianas. vol.9 Salvador: UFBA/FFCH/NEIM. 2004.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SHARPE, Jim. “A História Vista de Baixo” In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**. São Paulo. Ed. UNESP, 1992.

SILVA, Patrícia Rodrigues. “A gente vê a Cidade Assim”: Memórias de Mulheres Interioranas em Manaus. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.): **Gênero & Imprensa na História do Amazonas**. Manaus: EDUA, 2014.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. **Disputando Espaços, Construindo Sentidos: Vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus / AM – 1967-2010)**. Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC–SP). São Paulo. 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.